



**UNIVERSIDADE CATÓLICA DO SALVADOR – UCSAL**

**CURSO DE PSICOLOGIA**

**ROSÁLIA AGDA SOUZA ALVES**

**AS NARRATIVAS DE FREIRAS IDOSAS  
RELATIVAS ÀS TRAJETÓRIAS DE VIDA MISSIONÁRIA**

Salvador

2022

**ROSÁLIA AGDA SOUZA ALVES**

**AS NARRATIVAS DE FREIRAS IDOSAS  
RELATIVAS ÀS TRAJETÓRIAS DE VIDA MISSIONÁRIA**

Projeto de pesquisa apresentado à disciplina Trabalho de Conclusão de Curso II, do Curso de Psicologia da Universidade Católica do Salvador, como requisito parcial para a obtenção de Bacharel em Psicologia.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr. João Marcos de Oliveira

**SALVADOR**

**2022**

# AS NARRATIVAS DE FREIRAS IDOSAS RELATIVAS ÀS TRAJETÓRIAS DE VIDA MISSIONÁRIA<sup>1</sup>

Rosália Agda Souza Alves<sup>2</sup>

João Marcos de Oliveira<sup>3</sup>

## RESUMO

Esta investigação tem por objetivo compreender as narrativas de freiras idosas relativas às trajetórias de vida missionária. Participaram da pesquisa cinco freiras idosas, de nacionalidade espanhola com mais de 70 anos, no mínimo 15 anos de trabalho missionário. Para a coleta de dados, foi utilizado roteiro de entrevista narrativa, usamos uma pesquisa qualitativa narrativa, dentro dos padrões éticos, protegendo a individualidade e a identidade das entrevistadas, os quais foram realizados após assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Foi utilizado um roteiro de entrevista narrativa com questões abertas sobre suas trajetórias de vida missionária. As entrevistas foram gravadas, transcritas, organizadas e codificadas, de maneira integral, pelos pesquisadores e analisadas de maneira descritiva. A seguir, ocorreu a criação de categorias temáticas sobre os temas que mais se destacaram na narrativa das freiras idosas. Foi possível compreender que a velhice é uma etapa em que a pessoa continua se desenvolvendo, desfrutando da vida, assim toda experiência acumulada é o terreno onde pode-se perceber os frutos do que foi plantado durante toda a sua trajetória de vida. Percebe-se escassez de pesquisas com freiras, sobretudo freiras idosas. Sugere-se que se dê continuidade a estudos com essa temática, a fim de oferecer à sociedade, oportunidade de uma discussão sobre experiências de vida, memórias coletivas relativas a trajetórias de vida missionária, bem como considerar os diferentes contextos.

**Palavras-chave:** Vocação; Freiras Idosas; Trajetória de Vida Missionária; Realizações

---

<sup>1</sup> Artigo apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Psicologia

<sup>2</sup> Assistente Social pela Universidade Católica do Salvador (UCSAL). Graduanda em Psicologia pela UCSAL

<sup>3</sup> Psicólogo, Doutor e Mestre em Psicologia, Especialista em Terapia Analítico-Comportamental. Docente do curso de Bacharelado em Psicologia da Universidade Católica do Salvador (UCSal).

## INTRODUÇÃO

O fenômeno do envelhecimento, é percebido em escala mundial, uma realidade resultante do êxito do avanço da ciência, mas também não deixa de ser uma preocupação por se tratar de um desafio social, visto que é a longevidade torna-se uma demanda na qual exige uma resposta efetiva no âmbito da sociedade (NERY, 2017). Embora seja um aspecto da população mundial, esse aumento da população dessa faixa etária é maior em países com maior desenvolvimento (LIMA, 2016).

No Brasil, a partir da década de 60, em cada década é visível o aumento do número de pessoas com idade de 60 anos, tendo como principal motivo o declínio da taxa de natalidade, conforme aponta Marinho (2016). Segundo as pesquisas do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a população total do país foi estimada em 212,7 milhões em 2021, o que representa um aumento de 7,6% ante 2012. Nesse período, a parcela de pessoas com 60 anos ou mais saltou de 11,3% para 14,7% da população. Em números absolutos, esse grupo etário passou de 22,3 milhões para 31,2 milhões, crescendo 39,8% no período. Dessa forma, estima-se que em 2015, o Brasil seja considerado um dos países mais envelhecidos do mundo. Esse fenômeno se atribui a vários fatores, como: a diminuição das taxas de fecundidade; redução da mortalidade precoce; ampliação da expectativa de vida ao envelhecer; melhoria dos serviços de saúde; o uso de novas tecnologias em geral, entre outros (BRASIL, 2017).

Outro achado significativo, é que essa longevidade da população mundial é mais presente nas mulheres do que para os homens, isso demonstra que o sexo feminino tem particularidades diante do fenômeno do envelhecimento. Uma informação relevante é que a mulher se expõe a determinados fatores de risco, no ambiente de trabalho, morte por fatores externos, elas se expõem menos ao uso de álcool e tabagismo, bem como as diferenças de atitude frente às enfermidades e incapacidades, mas também pela maior assistência gineco-obstétrica (NERY, 2017).

Além disso, a concepção sobre a velhice e o processo de envelhecimento humano tem passado por várias modificações ao longo da história. Algumas culturas destacam-se pela valorização da pessoa idosa, tendo-a como referencial, porém há outras concepções em que esta não tem um lugar de importância e valorização. Essas mudanças têm acontecido conforme a influência da época, da cultura, da classe social (SILVA et al., 2012). Desse modo, Dardengo (2018), aponta que é comum que a velhice seja vista como uma etapa marcada pela

decadência, um período de declínio até chegar ao seu ponto final com a morte. Em vista disso, a própria palavra assume um significado em que pode prevalecer o medo, a angústia, e a predominância da fragilidade.

O enfraquecimento dos fatores biológicos, psicológicos, das habilidades cognitivas, são inerentes ao envelhecimento humano, haja vista, que esta seja uma das etapas do desenvolvimento vivida de forma diferente por cada pessoa (SILVA et al., 2012). É preciso considerar ainda que durante essa etapa da vida, embora possam haver ganhos e perdas, pode se configurar como produtiva ou como uma fase em que a pessoa encontraria um maior sentido para ser e viver (DARDENGO et al., 2018).

Nesse sentido, por meio de relatos de experiências, das histórias contadas através das gerações, e das diferentes formas de narrativas, acontece uma reconstrução da memória que antecedeu a vida de uma pessoa, bem como de um grupo, oferecendo a possibilidade de mergulhar no passado. “Nessa dinâmica, memórias individuais e memórias coletivas encontram-se, fundem-se e se constituem como possíveis fontes para a produção do conhecimento histórico” (DELGADO, 2010, p. 40). Embora o processo de lembrar seja algo individual, as lembranças do sujeito representam, de certo modo, a identidade do grupo que ele fez parte, o qual determina “o que é memorável ou não, já que a memória é uma construção feita no presente que seleciona fatos do passado” (BOSI, E. 2015 & MARINHO, 2019). Assim, o sujeito que narra, não está sozinho, mas representa uma coletividade.

Dentre os grupos históricos, que guardam uma memória coletiva, citamos as congregações religiosas. Destaca-se aqui a vida religiosa missionária feminina, a qual tem desempenhado um papel importante na igreja e na sociedade. Conforme Condina e Zevallos (1990), “a falta de poder da mulher na sociedade e na igreja faz com que as religiosas tenham uma conaturalidade especial para se aproximarem dos lugares mais pobres e marginalizados”. Os mesmos autores enfatizam que esse potencial incalculável que é a vida religiosa talvez não seja suficientemente conhecido, nem apreciado.

Dentre os aspectos que caracterizam algumas congregações religiosas, está a dimensão missionária, especificamente a missão além-fronteiras, a qual acontece a partir de da inserção numa outra cultura diferente da sua, pois esses grupos comumente se deslocam para lugares longínquos em que há dificuldade de acesso de pessoas para a evangelização, como também para todos os serviços humanitários em defesa da vida e da dignidade. Para a inculturação requer a aprendizagem de idiomas, costumes, mentalidades, relações,

cosmovisões comumente diferentes da própria cultura. A missão é dirigida sobretudo, para a vivência da caridade cristã a todas as pessoas sem discriminação de raça, condição social ou religião a fim de participar nas suas alegrias e dores, conhecer as suas aspirações e os problemas da sua vida (CONSTITUIÇÃO PASTORAL GAUDIUM ET SPES, 1997).

A vida religiosa, desse modo, representa uma das formas de agrupamentos, espaço de construção de memória coletiva, que ao longo dos tempos deixam suas marcas escritas no livro da história. O surgimento das congregações se dá a partir de um determinado contexto, com a finalidade de ajudar as pessoas e a sociedade, com uma função de criar modelos alternativos de vida humana e cristã (CONDINA & ZEVALLOS, 1990). Nesse sentido, afinal, trazemos como exemplo uma congregação religiosa a qual teve seu surgimento no México, no ano de 1885. Entre os principais motivos da sua fundação foi a iniciativa de ser uma ajuda humanitária em prol de grande parcela da sociedade que sofria com a pobreza, abandono em consequência de um contexto de ditadura (PEREIRA, 2017). Assim, essas missionárias exerceram e exercem sua missão nos diferentes países, prioritariamente com as pessoas menos favorecidas socialmente. Como afirma (BOFF, 2002). “Toda VR (vida religiosa) é convocada a viver a opção a partir do lugar social em que se encontra e ninguém pode omitir tal opção”. Compreende-se, desse modo que, é em contextos específicos que acontece a missão da vida religiosa missionária, dentro de uma sociedade marcada por contradições e desafios.

A partir de uma concepção benjaminiana, em oposição a essa lógica da sociedade moderna, está o valor da tradição, a qual é passada de geração para geração, cabendo, portanto, à pessoa idosa, a incumbência de transmitir suas experiências, sua história através da narração para as novas gerações. Nisso, então, consiste sua autoridade. As narrativas, os conselhos dentro de um determinado espaço que está no tempo, os quais são tecidos por relações sociais e culturais permeadas por uma sabedoria de vida (BENJAMIN, 2015). Isso aponta para uma justa consideração para as inúmeras experiências de envelhecimento, para a valorização dos significados e sentidos a fim de que as pessoas não caiam no esvaziamento de uma vida rica em significados e sentidos (BARROSO, 2021). É preciso que essas pessoas ocupem o seu lugar de narradoras, testemunhas da história, portadoras de memórias ricas de profundas experiências ao longo de suas vidas.

O foco desta pesquisa se refere, portanto, às narrativas das freiras idosas que dedicaram grande parte de sua vida para o bem da sociedade dentro de uma instituição religiosa. O fato de registrar suas experiências, está na importante contribuição para a

solidificação e manutenção desse grupo que atua em diferentes países e continentes. Além disso, destaca-se a importância de escutar as narrativas das freiras, a fim de recolher a riqueza de suas experiências, acreditando que esse legado pode contribuir para as novas gerações, propiciando espaços para intercâmbio e diálogo que possam enriquecer o presente, mas também o futuro.

Percebe-se, que são escassos os estudos na literatura que compreenda essa temática, por isso também a relevância da realização desse estudo, pois o mesmo irá promover um maior entendimento sobre esse público, suas experiências de vida e as suas velhices. Com essa pesquisa, portanto, se pretende compreender as narrativas de freiras idosas relativas às trajetórias de vida missionária.

## **2. MÉTODO**

### **2.1 DELINEAMENTO**

Como instrumento de investigação foi usado uma entrevista qualitativa narrativa a qual é caracterizada é “uma estratégia de investigação na qual o pesquisador estuda a vida dos indivíduos e pede a um ou a mais indivíduos para contar histórias sobre suas vidas” (CRESWELL, 2010, p. 38). Para Breakwell et al. (2011), essa ferramenta pouco estruturada descreve os processos que estão ocorrendo e detalha diferenças no caráter desses processos ao longo do tempo, permitindo, assim, que o pesquisador se aprofunde em aspectos específicos, a partir das experiências profissionais que emergem desses participantes, cruzando os dados no contexto associativo.

### **2.2 PARTICIPANTES**

Participaram da pesquisa cinco freiras idosas, de nacionalidade espanhola, com mais de 70 anos de idade, que tiveram, no mínimo, 15 anos de trabalho missionário internacional. O Quadro 01 apresenta dados das participantes relativos a dados sociodemográficos e informações sobre as missões internacionais.

**Tabela 1 – Dados sobre os participantes. Madri/Espanha, 2022**

<b>Nome Fictício</b>	<b>Idade (anos)</b>	<b>Etnia</b>	<b>Idioma</b>	<b>Formação</b>	<b>Ocupação</b>	<b>Tempo de Congregação</b>	<b>País de Missão e Tempo</b>
Luz	75	Branca	Espanhol Português	Enfermeira	Gestora da casa	53 anos	Brasil 29 anos
Lua	93	Branca	Espanhol	Auxiliar de Clínica	Cuida do lar	67 anos	Israel 15 anos
Sol	85	Branca	Espanhol	Enfermeira	Cuidadora	66 anos	Colômbia 43 anos
Brisa	85	Branca	Espanhol Português	Enfermeira	Responsável da Enfermaria	63 anos	Moçambique Israel 60 anos
Estrela	84	Branca	Espanhol Inglês	Auxiliar de Clínica	Cuidadora	58 anos	Zimbábue 41 anos

Observou-se que as participantes tinham idades entre 75 anos e 93 anos, que três delas são enfermeiras e duas auxiliares de clínica. No que diz respeito à cor, todas se declararam brancas. Quanto à língua, duas falam português e espanhol, duas somente espanhol e uma espanhol e inglês. Sobre a ocupação no momento atual, as freiras informaram o seguinte: uma é coordenadora, responsável da comunidade; duas cuidam das outras freiras; uma assume cuidados na enfermaria e a outra cuida dos afazeres do lar. Quanto ao tempo de congregação, varia entre 53 anos a 67 anos, enquanto que o tempo de missionariedade varia entre 15 anos a 60 anos. Quanto aos países em que elas realizaram o trabalho missionário, foi observado que todas trabalharam na Espanha e, ao menos, em um outro país. Entre os países, identificam-se: Brasil, Israel, Colômbia, Moçambique e Zimbábue.

### 2.3 PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS

O contato inicial com as participantes foi através de um contato presencial na residência das freiras, momento em que foi apresentada a solicitação para a participação na pesquisa por meio da entrevista. Após obter uma resposta positiva, lemos o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). A entrevista foi realizada de forma individual, em uma sala com conforto satisfatório, com iluminação adequada, arejada, que garantiu a segurança quanto ao sigilo sem nenhuma interferência, logo após a assinatura de cada participante. Uma entrevista foi em português e quatro delas foram realizadas em espanhol, após a assinatura de um TCLE em duas vias, em português e em espanhol. As informações coletadas por meio da entrevista foram gravadas em áudios, as quais facilitaram a realização da análise de forma segura, procurando sempre garantir a fidelidade da mesma. As entrevistas

tiveram duração aproximada de uma hora, com o cuidado para que não fosse exaustiva para a participante. Foi utilizado, além do questionário sociodemográfico, um roteiro de entrevista narrativa.

## 2.4 INSTRUMENTOS

Como instrumentos de investigação, foi utilizado um questionário sociodemográfico, a partir do qual buscou-se coletar as seguintes informações: idade, cor/etnia, idiomas, formação, ocupação, tempo de congregação, tempo de missionário e país de missão.

Além do questionário sociodemográfico, foi utilizado um roteiro de entrevista narrativa com questões abertas: “Gostaria que a senhora me falasse a trajetória de sua vida missionária. Para facilitar, a senhora pode começar desde o período de sua entrada na congregação e, então, contar todos os eventos importantes dessa sua trajetória até os dias de hoje. Tome todo o tempo que achar necessário e pode me dar todos os detalhes que considerar importantes”. Além da questão gerativa de narrativa, o roteiro continha perguntas norteadoras, como, por exemplo: “Me conte, por favor, quais foram os principais desafios que você enfrentou durante toda sua trajetória de vida missionária.” e “Me conte também, por favor, quais as principais realizações que senhora entende que teve durante toda sua trajetória de vida missionária”.

## 2.5 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE DE DADOS

As entrevistas gravadas foram transcritas, organizadas e codificadas, de maneira integral, pelos pesquisadores e analisadas de maneira descritiva. A seguir, ocorreu a criação de categorias temáticas sobre os temas que mais se destacaram na narrativa das freiras idosas. A análise de conteúdo, baseado em Bardin (2011), foi a técnica utilizada para a análise dos dados. Inicialmente, ocorreu uma organização dos dados obtidos e, em seguida, os passos se deram na seguinte ordem: codificação; categorização; inferência e tratamento informático.

## 2.6 CONSIDERAÇÕES ÉTICAS

Esse projeto foi submetido à Plataforma Brasil e aprovado sob número CAAE: 64018322.8.0000.5628. Foram seguidas as normas da Resolução n. 510/16 do Conselho Nacional de Saúde, que fornece diretrizes da pesquisa envolvendo seres humanos nas

Ciências Humanas e Sociais. Os pesquisadores se comprometeram em apresentar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e divulgar os resultados desse estudo à comunidade científica através de submissão em revista científica ou apresentação em evento científico.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

As categorias temáticas foram organizadas a partir do surgimento espontâneo nas narrativas dos participantes. Ao final da análise dos dados, surgiram quatro categorias temáticas: (a) Eventos pré-vocação, (b) Opção pela vida missionária, (c) Missão nos diferentes países e (d) Desafios do trabalho missionário. As categorias representam diferentes aspectos relacionados às narrativas das freiras idosas relativas às trajetórias de vida missionária.

Nas seções abaixo, as categorias temáticas serão definidas e serão discutidos os principais achados referentes a cada tema.

#### 3.1 EVENTOS PRÉ-VOCAÇÃO

A categoria eventos pré-vocação refere-se ao período em que antecedeu a formação religiosa. Esses eventos foram organizados em duas subcategorias: (a) vida familiar e social e (b) tomada de decisão e suas repercussões.

Quanto à subcategoria vida familiar e social, as participantes em geral tratam do período que antecedeu a decisão e a entrada na congregação.

Considerando a família em seu processo de desenvolvimento, Cervený e Berthoud (2002) enfatizam o conceito de família adolescente. Para as autoras, toda a família passa pelo processo do adolescer, pois tanto os filhos quanto os pais passam por um processo de transição entre fases da vida. Isso sinaliza movimentos psicológicos vividos na família, assim toda a família enfrenta crise da adolescência. Nesse sentido, vale comentar sobre a vivência das freiras, nesta fase, considerando esse processo do desenvolvimento familiar e não apenas do indivíduo.

Nas suas narrativas, apareceram aspectos que fazem parte desta fase, experiências de amizade, relacionamento com os pais, experiência de trabalho profissional, experiências de namoro, participação em grupos eclesiais e sociais. Alguns desses elementos aparecem no relato de Estrela: “Antes de conhecer a vida religiosa, frequentava os bailes, saía com amigos

e amigas, gostava de dançar, tinha namorado; era muito importante a participação em um grupo de reflexão, pois o mesmo ajudava na reflexão do ver julgar e agir conforme a pessoa de Jesus”.

Já a participante Sol, falou sobre conflitos que surgiram em sua educação na juventude: “Naquele tempo era muito difícil, uma educação moral rigorosa. Os pais e os irmãos ficam controlando a gente. Era uma confusão! Eu tinha namorado, mas tudo era muito vigiado, que horário sai quando volta”. Dessa forma, autores como Carter e McGoldrick (1975) afirmam que em muitas famílias, a adolescência pode ser um período estressante para as filhas, em virtude de regras rígidas que limitam a independência feminina na maioria das culturas.

Algumas das participantes falaram sobre a experiência de trabalho profissional na adolescência. Duas falaram do trabalho realizado junto aos familiares, e duas falaram do trabalho em uma fábrica. Assim afirma Sol: “Desde os 14 anos eu trabalhei em uma fábrica, precisava trabalhar para sobreviver. Naquele tempo era difícil para estudar, tínhamos que trabalhar”. Já Brisa trabalhava junto a sua família: “Sou filha de um dono de restaurante, eu trabalhava com eles”. Para Rizzo e Chamon (2010), o trabalho na vida do adolescente tem um significado para além de uma atividade para aquisição de recursos econômicos, o que consiste também em uma oportunidade para a convivência com iguais, aprendendo a ordenar suas formas de sociabilidade contribuindo para seu processo de amadurecimento psicológico e intelectual.

Sobre a subcategoria tomada de decisão e suas repercussões, considera-se o período em que a pessoa sentiu o desejo ou alguma inquietação sobre a possibilidade da vida religiosa, até o momento da decisão por esse estilo de vida e depois a escolha da congregação religiosa, e além disso como a família participou desse processo de entrada na congregação. Assim, com o surgimento dessas inquietações, as freiras chegaram a um discernimento acerca da vida religiosa e missionária. Todas as freiras fizeram referência à participação dos pais em seu processo de decisão: uns aconselhando esperar a idade adulta, outros se manifestando contra sua decisão, outros ainda apoiando com satisfação. “Quando eu decidi ser religiosa, falei com meus pais, minha mãe chorou, meu pai eu creio que ficou contente. Ele me disse: é bom que vejas se vais estar bem nesse lugar, não me disse mais nada” relata Brisa.

As falas das participantes trazem à tona vários elementos relacionados à opção pela vida religiosa e aspectos que envolvem os anseios familiares, considerando a possibilidade da expectativa que os pais têm para com suas filhas GROSSI, M. P (2013). Sol menciona sobre a reação de seu pai, o qual não demonstrou aceitação sobre sua vocação. “Ele me perguntou: Quem meteu isso na minha cabeça. Essa decisão foi minha, depois de conhecer o jeito de

Jesus ser e atuar, eu me identifiquei com Ele”. Brisa fala da expectativa de sua mãe sobre ela. “Somos três irmãs, eu sou a mais nova, minha mãe sempre dizia: tu vais ser o “báculo” (apoio) da minha velhice”. E ela continua: “[...] menos mal que fui a primeira que saí de casa, porque se não, acho que não tinha coração para deixar aos meus pais aí sozinhos”. Percebe-se que a jovem encontra-se em uma encruzilhada, entre seguir seu caminho pessoal ou atender as necessidades de sua família. Este exemplo de Brisa é ilustrado Carter e Mcgoldrick, (1975), quando as autoras enfatizam que este é um dos medos enfrentados pelos pais em relação à saída dos filhos, a síndrome do “ninho vazio” quando os filhos começam a sair de casa e o casal acaba por coabitar sozinho.

Depois de ter clara a opção pela vida de freira, o passo seguinte foi escolher qual a congregação que iriam ingressar. Trata-se de um elemento muito importante, pois cada congregação religiosa tem valores, formas de vida e de atuação que a identifica, conforme o projeto deixado por seus (suas) fundadores (as). Brisa fala sobre a importância do contato com outras jovens que já estavam fazendo a experiência, pois a ajudou no seu discernimento vocacional: “Recorri todos os conventos de Burgos a fim de escolher a missão que daria sentido à minha vida”. A participante Lua fala da sua dificuldade para realizar essa escolha: “Estive alguns anos pensando, me custou muito. Eu levava uma vida normal, como outras jovens, mas via que eu queria outra vida, pensei, procurei ajuda, decidi, mas não sabia para onde iria, decidi entrar aqui”. Conforme os relatos, as jovens apresentaram um desejo intenso de abraçarem a vocação religiosa, apesar da ruptura com suas famílias de origem.

Para chegar a uma tomada de decisão, aconteceu um processo muito importante sobre suas escolhas vocacionais, o qual implica toda sua vida. Contudo, percebe-se que elas tiveram uma vontade de solidariedade e ajuda ao próximo, encontrando assim, o sentido da vida religiosa. Esse desejo que cada uma tinha, deveria ser as características da congregação escolhida. Brisa declara sua experiência: “[...] na minha juventude, fui catequista, me inscrevi na Cáritas, fazíamos visita aos pobres”. Já Luz fala também sobre sua experiência: “[...] me senti chamada aos 16 anos, meu desejo era ajudar as pessoas que precisassem, naquilo que eu pudesse ajudar, principalmente compartilhar com eles a minha fé em Jesus e também a minha experiência como enfermeira”. Compreende-se desse modo, que a opção pelo seguimento a Jesus, parte da busca de uma vivência concreta na história, desde a consciência da dignidade da pessoa e do lugar teológico dos pobres e excluídos (VALLE, 2004).

Conforme os relatos, a decisão não é algo estático, mas que perdura em toda sua história de vida. Nesse sentido, a predileção é renovada continuamente, pois o ser humano está em constante processo de construção. Assim como Sol narra: “Tenho 85 anos, mas a vida continua, tenho um corpo, tenho sentimentos como pessoa, como mulher, que preciso assumir, às vezes até desejando buscar outras coisas [...] isso é ser humana, Deus nos fez com debilidade e potencialidades, e com Ele estamos caminhando”.

### 3.2 OPÇÃO PELA VIDA MISSIONÁRIA

A segunda categoria se refere à opção das freiras pela vida missionária. Essa categoria foi subdividida em duas subcategorias: por uma congregação missionária, autoridade e modelo da figura de Jesus.

A respeito da subcategoria por uma congregação missionária, destaca-se a luta das noviças e jovens freiras para que a congregação se expandisse em outros países. Desse modo, “a vida religiosa é convidada de modo permanente a ultrapassar suas próprias fronteiras e seus próprios horizontes. Deve envolver-se em novas experiências sócio-históricas e culturais que [...] levam a novas práticas de fé-história-cultura” (ROY, 2010). Assim sendo, as jovens foram unânimes em afirmar que a sua entrada na congregação foi com o objetivo da vida missionária. Assim, a missão de vida de cada uma delas, estava orientada para saírem do espaço restrito de um colégio, de um local mais fechado na instituição para se expandir pelo mundo, onde a vida clama por cuidado. Sobre isso Luz pontua: “Queríamos ser missionárias, mas estávamos trabalhando no colégio. Falamos para a superiora geral, se a congregação não fosse missionária íamos buscar outro lugar. Então, concederam em Roma que toda Congregação fosse missionária”.

Vale ressaltar, antes de mais nada, que quando as fundadoras da congregação em questão, chegaram em terras espanholas, contaram com a parceria de uma congregação masculina, a qual muito contribuiu com expansão missionária. Trata-se do IEME - Instituto Espanhol de Missões Estrangeiras. Assim comenta Ilundaín (2018): “O ano de 1957 foi crucial na história da Congregação, tanto que houve a mudança do nome, [...] ao acolher a Congregação em Burgos, o Cardeal Benlloch e os Missionários do IEME viram nas irmãs as futuras colaboradoras nas Missões”. Muito significativo esse apoio, bem como a complementaridade na realização na missão, ao passo que parece importante pegar esse “gancho” para refletir um ponto muito importante, sobre as diferenças de lugar que as mulheres ocupam na Igreja e na sociedade.

Nesse sentido, Doneda (2021) afirma que inerente a uma sociedade patriarcal, a mulher tem um papel social, político e econômico diferente, se comparado ao homem. As atividades públicas sempre foram atribuídas ao masculino, enquanto as atividades privadas foram atribuídas às mulheres. Não há dúvida, que alguns elementos dessa realidade apareceram nas narrativas das freiras, como expressa Estrela: “Na primeira missão, trabalhei na casa do bispo, eu trabalhava na cozinha com um rapaz, fazia comida”. Sabemos que embora, aconteçam alguns passos em direção à valorização da mulher na Igreja, por exemplo ao ver que o Papa Francisco nomeia mulheres, religiosas e não religiosas para cargos altos no interior da igreja, não se pode fechar os olhos para uma história construída com base no patriarcado com tradição predominantemente hierárquica e masculina. Como corrobora Peretti & Queiroz (2021), quando afirma que existem muitos espaços de decisão na Igreja Católica, em que as mulheres são excluídas.

Desse modo, a mulher é considerada inferior ao homem, reproduzindo uma violência simbólica que tem atravessado gerações, a qual está tão enraizada que torna-se algo natural e reproduzida nas diversas relações, de uma forma velada. Vejamos um exemplo que aparece na fala da participante Luz: “Quando a gente fazia o trabalho junto com o padre, era muito bom: planejamos, avaliamos, aprendemos muito com ele, sempre fazíamos o que ele nos orientava. Só que quando a gente começou a dizer não, não concordar, ele se fechou, mudou seu jeito de ser com a gente”. Nesse mesmo sentido, Luz prossegue falando da convivência com um grupo de padres, como era difícil para estabelecer um diálogo:

Quando nos reunimos para uns dias de descanso, as mulheres, sempre fazíamos a comida, limpamos a casa. Os homens faziam algo como ir comprar, providenciar a água. Então falamos com eles para dividirmos as atividades entre eles também. Eles não quiseram mais continuar se reunindo conosco.

Depois da reflexão sobre essa realidade, o convite é para adentrar na segunda subcategoria, a qual se refere à autoridade e modelo da figura de Jesus, que é definida como: a identificação com o modo de atuar de Jesus, humano e solidário, atento aos sofrimentos das pessoas mais excluídas, com elas buscando saídas para as situações.

Lopes (2012) ajuda para uma compreensão sobre o modo de atuar de Jesus quando ela afirma que, o amor é para ser concretizado em gestos concretos, isso foi o que Ele ensinou e agiu. Suas atitudes, sobretudo com as pessoas empobrecidas, mostram sua compaixão e solidariedade diante dos corpos fragilizados, excluídos pelo sistema político e religioso de seu tempo. Assim, compreende-se a autoridade e o modelo que Jesus inspira para o seu seguimento. A fala de Sol ajuda a entender melhor a opção do seguimento a Jesus, o essencial da vida missionária: “Conheci um Jesus misericordioso. Ele inspira o meu agir. Diante das

situações posso perguntar: como Jesus agiria? Essa misericórdia vivi quando estive trabalhando com as crianças, com os drogados, visitando os que estavam na cadeia”. Essa fala de Sol, mostra a atitude de compaixão diante das pessoas que vivem sem dignidade, na marginalidade, para dar-lhes atenção, valorizando a pessoa naquilo que ela é (NEFF, K. ; GERMER, C, 2019). Esse amor de Deus, mostrado no jeito de ser e atuar de Jesus, é o que motiva as freiras a lutarem em defesa da vida e da dignidade humana. Essa missão será descrita na próxima categoria.

### 3.3 MISSÃO NOS DIFERENTES PAÍSES

A terceira categoria trata-se da missão realizada pelas freiras nos diferentes países, onde elas realizaram o trabalho missionário. Em que consideram-se espaços distintos de atuação, como bem explicita a fundadora da congregação *Ir aonde o bem do próximo exigir* (SERRA, 1941). Com isso, percebe-se que são vários os espaços em que essa missão pode ser desenvolvida: “[...] tanto na ordem física como moral e religiosa, cuidando dos doentes, amparando os órfãos, ajudando e acolhendo os necessitados e marginalizados, educando e cuidando das crianças, [...] aliviando todas as miséria e necessidades da humanidade” (LARRAINZAR, 1921).

Para facilitar a análise, essa categoria foi dividida em três subcategorias, as quais representam os grupos prioritários atendidos pelas freiras, embora não fosse nada engessado, pois a realidade do lugar onde elas viviam é que orientava sua missão. Então foram escolhidos: (a) o trabalho com as crianças, (b) o trabalho com as mulheres e (c) trabalho com a saúde.

A definição do trabalho com as crianças é a seguinte: atividades de cunho educacional com crianças em situação de vulnerabilidade; pastoral da criança: prevenção da saúde infantil, alternativas para combater a mortalidade e desnutrição das crianças. A partir dessa categoria, se reflete a importância da educação tanto para os indivíduos quanto para a sociedade.

Trazendo para a atualidade, de acordo com a Unesco, em 2018 quase 260 milhões de crianças não tiveram acesso à educação. Com isso, considera-se que a pobreza e a discriminação dificultam a efetivação da igualdade de direitos. Por isso, é importante ter a educação como prioridade, de maneira a contribuir para o desenvolvimento, acreditando que quando a criança recebe uma atenção educacional com qualidade, esta tem repercussão não somente em seu futuro, mas tem relevância, sobretudo pela socialização e pelas vivências

proporcionadas. Contudo, no tocante às políticas públicas, em países subdesenvolvidos, os indicadores educacionais revelam o quanto a realidade escolar básica é deficitária (CAMPOS et al., 2011). Essa realidade, não acontece nos dias atuais, uma iniciativa de compromisso com esta causa é confirmada na fala de Sol:

Ali ao mesmo tempo tinha no bairro onde vivíamos, tínhamos uma escola numa casa onde guardavam as ferramentas que usaram para fazer os barracos. Quando estava tudo organizado, esse lugar ficou livre e formou uma escola para as crianças. Elas levavam seus banquinhos para sentar, eu fiz um tabuleiro de forma que pudessem escrever, pintar e desenhar”. No final do ano algumas escolas do bairro recebiam as crianças, elas faziam uma avaliação e entravam na educação formal.

Em todos os países onde as freiras foram, elas perceberam essa lacuna, por isso se dedicaram a buscar alternativas, organizar escolas que atendessem a população menos favorecida. Inicialmente aparece a prioridade para gênero feminino, que nessa época não entrava nesse mundo da educação formal. Lua fala sobre o colégio em Jerusalém:

O Colégio del Pilar, era um colégio que começou com as crianças pequenas mas que depois exigiram que tivesse também o curso secundário, estilo bacharelado e também se dava muitos trabalhos para as meninas, idiomas, também tinha que se preparar para a universidade. Naquele colégio temos professoras cristãs e muçulmanas, as meninas têm aula de ensino religioso de acordo com sua religião. Por isso precisa de uma professora para ensinar-lhes o alcorão.

O colégio em Jerusalém, como todos os outros, estavam para atender as famílias pobres, as freiras se encarregaram de buscar os meios econômicos para sua manutenção. Conforme expõe Lua: “Se trabalhou muito porque muitas salas que tem hoje no colégio fomos nós que construímos, construímos toda a parte de cima e esse trabalho, nesse momento não tínhamos uma professora”.

Fica claro que o compromisso continua, pois muitas pessoas não encontram possibilidades para se desenvolverem, são condenadas ao infortúnio, a pobreza, tudo isso consequência de um sistema neoliberal excludente. As atividades educacionais realizadas pelas freiras, afortunadamente, abre um horizonte de esperança para que as pessoas empobrecidas possam encontrar um espaço que proporcione seu desenvolvimento.

A subcategoria trabalho com mulheres tem a seguinte definição: realização de trabalhos com as mulheres, com formação relacionada aos cuidados com os filhos, incentivo para a autonomia, questões de gênero e participação em grupos de organização social.

Nos espaços em que as freiras desenvolveram o trabalho missionário, foi evidente a desventura no tocante à situação das mulheres, as quais constituem uma parcela de população que sofre mais diretamente as consequências da pobreza e da desigualdade social. De acordo com Pinheiro, L. & Rezende, M. (2017), a desigualdade de gênero e raça é um fator

significativo que agrava as condições de exclusão e precariedade em que vive uma grande parcela da população.

Desse modo, compreende-se que a pobreza impõe piores condições de vida pelo fato de ser mulher. Essa realidade é evidente na divisão dos trabalhos domésticos, na responsabilidade pelos filhos, nos espaços de decisão, relacionadas a preconceito e discriminação. Consta-se que esses fatores que sinalizam a situação das mulheres, sobretudo das mulheres pobres, foram confirmados pelas narrativas das freiras em sua trajetória missionária nos diferentes países. Assim afirma Sol:

Naquele lugar as mulheres só estudavam somente até o primário e acabou, não tinham escolas, mas outra situação é que elas não saem de casa para não serem violentadas. Fomos de casa em casa dizendo que ia ser um colégio de freiras, que não tivessem medo. Isso foi um crescimento da dignidade da mulher.

Essa situação socioeconômica repercutia na educação familiar, espaço onde era reforçada a discriminação e negação dos direitos das mulheres. “Nós é que tínhamos que convencer aos pais que as mulheres também poderiam estudar”. Desse modo, foi muito importante as ações realizadas pelas freiras para a autonomia das mulheres, mas também para que os homens mudassem o olhar sobre a educação feminina, foi algo que impactou significativamente na vidas dessas mulheres, como muito bem relata Sol: “Foi uma abertura bem grande para a juventude feminina”.

Um aspecto importante destacar é que as freiras faziam um trabalho se aproximando do contexto em que essas mulheres viviam, assim puderam perceber e junto com eles buscar saídas para as dificuldades. Assim declara a participante Estrela: “Íamos nas casinhas onde as mulheres viviam, sentávamos no chão com elas, e ensinamos a costurar, a fazer vestidos para as crianças. E prossegue a participante Estrela: “Vimos a realidade de exploração das mulheres, elas trabalhavam mais que os homens, trabalhavam no campo e cuidavam dos filhos, mas nem podiam cuidar dos seus filhos, porque viviam nos campos, grande parte do tempo”. Essa forma de trabalhar parece que repercutiu de forma positiva, a importância da amizade com as mulheres foi algo que apareceu em suas narrativas como aparece na fala de Luz:

Íamos buscar água num manancial, no caminho para subir o monte e descer com água, as mulheres nos ajudavam porque viram que não podíamos com aquelas latas de água. E nós fazíamos amizade com essas mulheres, batia papo e mais papo na subida e na descida, falávamos de como fazer alguma coisa para melhorar, não só a situação da água, mas tinham outras coisas também.

Com o intuito de dar uma atenção que abrangesse os diferentes aspectos da vida, é que apresenta-se a terceira subcategoria relativa às atividades realizadas pelas freiras, que é a

saúde. Essa subcategoria é definida como: trabalho realizado pelas freiras em hospitais, medicina alternativa, atendimento às populações em situação de vulnerabilidade.

Em seu trabalho missionário com a saúde, constatou-se que um grande número de freiras se profissionalizaram como enfermeiras. Assim, realizaram seu trabalho, como era possível de acordo com as condições de cada lugar, investiram na medicina alternativa, juntamente com a Pastoral da Criança, o trabalho em hospitais, até mesmo em clínicas criadas por elas mesmas nos lugares onde não chegavam os serviços do Estado. “Saíamos para aplicar vacinas, para fazer algum trabalho de curativo, cuidar da malária, dar remédios, porque ali não tinha hospital. Para facilitar esse trabalho, ganhamos uma ambulância preciosa”, afirma Estrela. Referente à saúde, destaca-se também a função de parteiras tanto nos hospitais como nas próprias casas das mulheres.

A atenção humanitária dessas freiras, em alguns casos, é a única alternativa para as famílias pobres, desempenhando importante papel na medida em que chegavam até essas mulheres (NASCIMENTO, K. C. do et al, 2009). Sol: “ Eu estava em casa, quando menos esperava, alguém me chamava para ajudar alguma mulher no parto, saía pelas noites, eram lugares longe e com dificuldades para chegar até lá! Nesse sentido o depoimento de Luz, já traz a realidade das mulheres.

Uma senhora chegou com o trabalho de parto, estava perto de ganhar neném e o doutor falou para ela: olha, vou almoçar, mas eu quero fazer seu parto. Ele vai ser cesárea. É só esperar eu voltar. Assim que o médico saiu, eu examinei a senhora e vi que o parto poderia ser natural. Pedi ajuda a uma pessoa que era auxiliar e então com ela e Deus, em primeiro lugar, a senhora deu à luz uma criança preciosa! Quando o médico voltou, empreendeu a senhora porque tinha ganhado neném. Imagina, como ele ficou com a freira!

### 3.4 DESAFIOS DO TRABALHO MISSIONÁRIO

A quarta categoria que surgiu a partir das narrativas das trajetórias de vida missionárias das freiras idosas, refere-se aos desafios do trabalho missionário, a qual é definida como: vivências relativas aos desafios do trabalho missionário em condições de vulnerabilidade socioeconômica distintas de seu país de origem. Essa categoria foi possível ser subdividida em três subcategorias: (a) repercussões de conflitos com motivações socioeconômicas, referente aos contextos marcados pela violência do narcotráfico e por questões raciais e por disputas por territórios, (b) referente aos relatos sobre a distância da família e suas repercussões no emocional das missionárias e (c) adaptação à vida cotidiana, relativa à adaptação diante da escassez por causa da pobreza, falta do essencial para garantir

as necessidades básicas, como alimentação, água potável, bem como em relação com outras culturas.

Ao analisar a subcategoria por conflitos do narcotráfico, é importante compreender que as diversas culturas têm usado substâncias psicotrópicas com função de alívio da dor, de estímulo da mente, como meio de adquirir resistência ao corpo e cultuar divindades (TINOCO, 2010). Porém, atualmente destaca o fenômeno econômico a partir do comércio ilegal de drogas. O autor ressalta que, segundo o Relatório Mundial de Drogas do - Escritório das Nações Unidas sobre Drogas e Crime UNODC em 2022 a produção de cocaína bateu um novo recorde, com crescimento de 11% em relação a 2019, chegando a 1.982 toneladas em 2020. Constata-se que o tráfico de cocaína está em expansão para além dos principais mercados da América do Norte e Europa, com o aumento dos níveis de tráfico para a África e Ásia.

Quando essa realidade é olhada a partir da América Latina, com foco na Colômbia, percebe-se que o tema da guerra, do conflito armado, faz parte de uma longa história. Sua progressiva degradação tem gerado impactos e danos devastadores. Esses impactos psicossociais, são perceptíveis pelo número de óbitos, pela destruição material, trazendo insegurança para a população (DÍAZ, 2021). Essa realidade é confirmada pelo relato de Sol: “Passei por toda a violência dos cartéis de Medellín, [...] era um fogo ardendo por todas as partes. Um bairro muito pobre, com muita violência. Também era perigoso em casa, nas ruas, foram tantas situações! Às vezes matavam as pessoas dentro de casa”.

É lamentável perceber o potencial destrutivo que a população mais vulnerável tem sido vitimizada, sobretudo as crianças, as quais têm sofrimentos psicossociais, em consequência dos conflitos armados, massacres, dos campos minados em seus territórios, recrutamento para guerrilhas, da violência sexual (GONZÁLEZ, 2015). Essa realidade pela qual passavam e passam as crianças é bem explícita pelo relato de Sol: “Fazíamos um trabalho educativo com as crianças, mas vários entravam nas drogas. Entravam nessa também para ganhar algum dinheiro, muitas famílias viviam disso. Até as crianças morriam assim”.

Considerando as crianças em seu processo de desenvolvimento, percebe-se que elas são mais suscetíveis aos danos psicológicos ocasionados por eventos traumáticos como guerras, terrorismos. “Esses efeitos traumáticos poderão permanecer durante anos” (PAPALIA & FELDMAN, 2013 p.380). Ainda destaca-se, o fenômeno do deslocamento das pessoas por serem expulsas de suas casas pelo constante estado de guerra, dos ataques por parte dos parte

de grupos paramilitares (DÍAZ, 2021). Assim fala Sol: “Em Campo Amália era uma dor muito grande. Era muito perigoso. Haviam muitos sequestros [...]. Estávamos ali, às vezes não sabíamos quem era do exército, quem era da guerrilha. Nós, com a comunidade, deveríamos nos salvar como podíamos”.

O trabalho realizado pelas freiras missionárias visava à promoção dos direitos humanos, atenção às famílias mais vulneráveis, acompanhando de perto as vítimas desse sistema de violência. As ações realizadas nesse contexto, tem todo um sentido de fortalecimento para quem já não encontra motivo para ter esperança, alicerçadas no amor-compaixão para os que sofrem pela violência, especialmente as mulheres e crianças.

Além dos conflitos oriundos do narcotráfico, considera-se também aqueles e por questões raciais e por disputas por territórios. Sobre as questões raciais, assim relata Estrela:

Em 1965, estava começando a guerra, eram uns tempos difíceis. Ali as os africanos começaram ir para as Universidades. Naqueles tempos não deixavam de estudar os brancos com os africanos. Os flamengos e os ingleses eram muitos classistas e racistas. Eles estavam os primeiros na pirâmide, depois os europeus, depois os índios, depois os mestiços depois os negros. O tratamento era por categoria, ..., inclusive tinha lugar e separados para brancos que viviam uma cidade ou um povoado grande e os que viviam trabalhavam com eles moravam em outro lugar, com distância de uns 10 km. Viviam em suas choças e iam trabalhar pela manhã e pela noite e voltava para suas casas, porque ali não podiam ficar ninguém, não poderiam ficar juntos.

Essa realidade apareceu com maior evidência no continente africano e em Israel. De acordo com Ilundain (2018), com nove anos que as freiras chegaram em Zimbábue, começou a guerra de independência no país. O hospital foi povoado de feridos. Essa situação é confirmada na fala de Brisa: “A situação era um pânico, em alguns dias eram cortadas sete pernas, se trabalhava horas e horas no hospital sem ir em casa, nem paramos para beber água. Foram anos terríveis”. Segundo o relato de Estrela, as freiras enfrentaram desafios, riscos por conta da dura realidade das guerras:

Um das irmãs que era enfermeira a levaram na cadeia, porque encontraram medicamentos espanhóis com os guerrilheiros. Nós não olhávamos se eram guerrilheiros, ou eram soldados do governo para dar remédios. As irmãs estavam para atender ao que sofria, podendo ser de um lado ou de outro.... Então um senhor falou para as irmãs deixarem a missão e, quando ganharem a independência elas poderiam voltar.

Em um contexto marcado pela morte, estão presentes a força da teimosia e da esperança nessas mulheres que não desistem do ser humano, embora os contextos se apresentem fortemente adversos. A realidade apresentada mostra a injustiça desmedida, a

arbitrariedade da violência, a degradação dos valores humanitários. Contudo, é importante ver que há quem acredita que ainda é possível investir no ser humano.

Dentre os desafios enfrentados pelas freiras em sua missão, estão também as guerras no território de Israel, sendo que as freiras moravam na cidade de Jerusalém. Essa cidade é um lugar central de conflitos entre israelenses e palestinos. É um fenômeno com raízes históricas e territoriais muito complexas, tornando-se difícil acontecer acordo relacionado à soberania de Jerusalém (AKERMAN, 2006). Lua em seu relato fala sobre sua experiência desafiante por causa da guerra de Jerusalém:

Em Jerusalém eu passei a Guerra dos Seis Dias. Foi um tempo muito difícil. Dormíamos todas com os vizinhos, colocamos os colchões na parte de baixo, onde dávamos aulas para as crianças e ali dormimos, fazíamos um 'puchero' (comida), e se comia o que havia e nada mais. Da nossa casa víamos arder todo o Monte das Oliveiras.

Dando continuidade às vivências relativas aos desafios do trabalho missionário em condições de vulnerabilidade socioeconômica, passamos a analisar a distância da família como um dos aspectos significativos. Esta subcategoria distância da família se refere aos relatos sobre a distância da família e suas repercussões no emocional das missionárias. Como podemos observar, essa subcategoria distância da família, constituiu-se um paradoxo na experiência de cada freira, pois ao mesmo tempo que foi um sonho a saída de casa para percorrer um caminho individual, elas experimentaram alegria, perda, sofrimento e saudade.

Contudo, a partir desta subcategoria, distância da família, aparecem os dilemas vividos pelas freiras, ao estarem em lugares geográficos tão distantes, e, os pais se encontram idosos, doentes ou mesmo morrerem. Sobre isso Papalia e Feldman (2013), elucidam que comumente os cuidados básicos com os pais idosos são assumidos pelas filhas. Essa situação de dependência, pode gerar uma crise nos filhos. Estrela ilustra esta afirmação quando expressa: essa situação assim fala Estrela:

Para mim o mais importante para minha vida religiosa foi a primeira saída, arrancar da minha família, me custava tanto! sobretudo da minha mãe. Também porque depois de dois anos e meio me mandaram a missão. Para mim foi muito duro, para minha família e também, sobretudo para minha mãe quando ela precisou de mim.

Já Brisa narra sua dor de nem ao menos saber da notícia da morte de sua mãe:

Com nove meses que cheguei em Moçambique não tinha mais telefone, as cartas não chegavam ou demoravam muito, estávamos em plena guerra. Minha irmã mandou um telegrama: "mamãe grave!". E quando eu recebi nesse dia eu calculei que já tinha morrido foi no dia 29 de junho de 1960. Então me gerou um desespero. Depois minha irmã escreveu uma carta, mas tinha algo errado no endereço. Ela me disse: 'mamãe morreu meu pai está só, eu com as crianças pequenas. Depois de três

anos meu pai caiu, estava muito doente. Minha irmã me avisou: papai está mal, quando tu vens de férias, pode acontecer como aconteceu com mamãe. a lei de Moçambique era para não sair do país antes de cinco anos. Eu tinha quatro [...]. Fui pedir ao ministro da saúde, ele me deu uma licença para eu ir à Espanha.

A terceira subcategoria, se refere à adaptação à vida cotidiana: adaptação diante da escassez por causa da pobreza, falta do essencial para garantir as necessidades básicas, como alimentação, água potável, bem como em relação com outras culturas e dificuldade com a língua.

A vivência em contexto de pobreza exigiu um processo de adaptação, sobretudo pela dificuldade de acesso aos recursos necessários, ao viverem em contextos de pobreza e escassez. Santos (2018) contudo, ajuda ampliar o conceito de pobreza, ao qual não significa exclusivamente a análise monetária, pois abrange as várias dimensões da vida. Conforme a pesquisadora, os impactos psicossociais da pobreza suscitam representações sociais, que poderão marcar negativamente quem a vivencia. É importante considerar os afetos relacionados à vivência da pobreza, como a humilhação, a vergonha, se sentir menosprezado, ridicularizado, inferiorizado e excluído. Da mesma forma, é importante considerar esses sentimentos, que dão origem a sofrimentos que muitas vezes são invisibilizados. Assim relata as missionárias sobre suas vivências, junto às pessoas empobrecidas nos espaços de trabalho missionário em lugares marcados pela pobreza.

Nesse sentido, a participante Sol fala da sua experiência, nas comunidades longínquas, pobres marcadas pela precariedade de moradia. Ela disse: “Vivemos em uma serra, ali fizemos nosso rancho, com aqueles paus, como as pessoas faziam. Era muito difícil com a água e a comida. Era um lugar muito perigoso, como a casa era um rancho, entrava o cascavel e outras cobras, de tudo que havia ali”. Ainda sobre isso, Brisa relata uma das suas experiências: “A mulher estava chorando e me disse: olha irmã, só tenho isso! Abriu uma lata, me mostrou uma vasilha de farinha no fundo da lata. E disse: só tenho isso para mim e para meus filhos. [...] Foi doloroso! Sem nenhum futuro, a seca estava aí, não havia o que comer”. Luz fala sobre a dificuldade para encontrar água: “aparecia um carro-pipa, fazíamos uma fila enorme, uma ou duas irmãs sempre estávamos nas filas para recolher uma lata de água que não podemos com ela”. Estrela em seu relato diz: “Naquela missão que fui, chegamos em Guokue. Ali passamos muita fome, não havia nada, nada, não havia nem onde comprar”.

Evidentemente, um dos elementos indispensáveis para essa missão, é a inculturação. Dentro desse processo de inculturação, a aprendizagem da língua foi uma dificuldade, mas

também uma exigência para quem chegou em outros países. Em alguns casos a participante nem chegou a aprender, por exemplo, a língua árabe. Eis as palavras de Lua: “Em Jerusalém tive o trabalho de casa e no colégio quando tinha necessidade, porque para mim é muito difícil aprender línguas, não consigo pronunciar o árabe, por isso ficava mais em casa fazia as hóstias”. Para a participante Luz, aprender a língua foi um dos desafios importantes. Ela dizia que depois de mais de um ano de estar ali, as pessoas diziam: “Quando a senhora veio, a gente não entendia nada! Eu perguntei: E agora? Eu esperava que dissessem: Sim! Agora a senhora fala melhor! Mas o que disseram foi: ‘Sim, agora já entendemos melhor o espanhol!’”

Depois de um longo percurso em busca de compreender como foi realizado o trabalho missionário das freiras idosas, o novo passo será discorrer sobre a quarta subcategoria a qual apresenta alguns elementos sobre as principais realizações e a importância da vida missionária para as freiras idosas.

Morais, (2015) diz que a velhice é para ser olhada como uma trajetória realizada pela plenificação da vida. Ela fala também que na vida religiosa há aquelas pessoas que vivem as etapas da vida com leveza, gratidão e alegria independentemente de acontecimentos externos. Essa satisfação atribui-se às suas convicções, naquilo que acredita e daquilo que escolheram e assumiram para sua vida (ZANATTA, et al, 2021). Em relação a isso, Lua afirma que o importante não são os grandes feitos, aquilo que mais aparece, mas o sentido das experiências vividas. “Não tenho essa coisa de dizer: fiz isso, fiz aquilo. O mais importante da vida é a oração e ter conhecido onde Jesus viveu. Para mim tem sido o mais importante, isso me dura toda a vida”.

No sentido de ajudar compreender o sentido que a missão pode dar para essas freiras, Frankl, (2003) assegura que o sentido da vida para a pessoa idosa, pode significar uma resposta adequada às perguntas feitas durante a vida, pois a cada pessoa são dadas tarefas a serem cumpridas durante a sua existência. Sobre isso, as freiras expressaram como elas se sentem realizadas, como têm sido o sentido da sua missão.

Considerando as lutas e anseios das participantes, percebe-se que cada uma é memória viva. É um caminho que proporcionou a aprendizagem, o crescimento humano, até mesmo com os próprios erros. Isso é muito bem expresso por Brisa, quando diz:

E voltei ao lugar de onde saí, ao berço, outra vez. Estou feliz aqui porque dei o que tive que dar lá fora, com as pessoas, com os enfermos, com crianças. O que eu digo é que tenho o coração partido por aí, ou está cheio de nomes por aí, pois tem sido uma vida plena, uma vida cheia. Sei que poderíamos ter feito melhor, até que sim mas, no momento isso é o que tens feito. O que não foi bom, não gosto de dar

voltas e já não tem remédio, verdade? Isso te serve para aprender, a cada dia estamos aprendendo.

A fala de uma das freiras expressam que é necessário acolher a fragilidade, que chega com a diminuição das forças, mas que é importante não parar, como expõe Sol: “Estou agora fazendo o que posso [...], o Senhor não me obriga mais do que posso! É importante estar contente para ter paz, [...] fazer o melhor possível. Eu tenho como obrigação fazer o bem, simplesmente isso!”. Essa expressão corroborada por Morais (2015) quando ela sinaliza que, o esforço pessoal contínuo na busca de maior compreensão de si próprio e do sentido da vida, são condições indispensáveis para o envelhecimento psíquico ou o amadurecimento.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Ao analisar as narrativas de freiras idosas relativas às trajetórias de vida missionária, foi possível compreender que a velhice é uma etapa em que a pessoa continua se desenvolvendo, desfrutando da vida, assim toda experiência acumulada é o terreno onde pode-se perceber os frutos do que foi plantado durante toda a sua trajetória de vida. É possível ser velha e ser feliz, vivendo com serenidade, alegria e gratidão a cada dia. Foi confirmada a importância da escuta, a essas pessoas que não têm oportunidade de ser ouvida de uma forma cuidadosa, favorecendo assim uma oportunidade para a elaboração de sua história de vida e missão. Foi significativo fazer memória de experiências, envolvendo pessoas, lugares significativos, tesouros acumulados que podem ser compartilhados.

Contudo, na realização desta pesquisa, foram identificadas algumas limitações, em destaque para o fator tempo, pois uma pesquisa dessa complexidade poderia ser com um tempo mais longo, a partir da convivência em campo, para retirar das experiências riquezas que por vezes não apareceram na escuta narrativa, ou até mesmo para uma maior compreensão das experiências narradas. A língua, bem como as diferentes culturas que apareceram na narração das participantes, de alguma forma é uma dificuldade, exigindo maior atenção para compreender o mais fiel possível os significados do que foi exposto por elas.

Quanto à literatura, percebe-se escassez de pesquisas com freiras, sobretudo freiras idosas. Seria uma maior riqueza, poder ampliar com outros grupos de freiras de congregações diferentes para enriquecer a pesquisa com o que é semelhante, mas que também é diferente. Uma pesquisa dessa amplitude, é tão vasta, por isso torna-se um desafio a escolha das categorias, ao mesmo tempo com a preocupação se foi fiel ou não àquilo que foi oferecido

pelas participantes. Considerando essa amplitude, percebe-se que teve maior destaque o enfoque da psicologia social, porém seria uma riqueza maior poder dar mais atenção a aspectos significativos sobre outros fenômenos humanos, que certamente estão presentes no material coletado.

Sugere-se que se dê continuidade a estudos com essa temática, a fim de oferecer à sociedade, oportunidade de uma discussão sobre experiências de vida, memórias coletivas relativas a trajetórias de vida missionária, bem como considerar os diferentes contextos, diferentes ângulos como a espiritualidade a psicologia do idoso. Com isso vale considerar que esse público está presente em todas a sociedade e em todas as culturas.

## REFERÊNCIAS

AKERMAN, R. **Jerusalém: religião e soberania - uma disputa histórica**. 2006. Dissertação (Mestrado em Geografia Humana) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006. doi:10.11606/D.8.2006.de-20092022-073646. Acesso em: 10 de dez.2022.

**UNODC, 2022. Relatório Mundial sobre Drogas 2022** do UNODC destaca as tendências da pós-legalização da cannabis, os impactos ambientais das drogas ilícitas e o uso de drogas por mulheres e jovens. Unodc.org. Disponível em: <[Relatório Mundial sobre Drogas 2022 do UNODC destaca as tendências da pós-legalização da cannabis, os impactos ambientais das drogas ilícitas e o uso de drogas por mulheres e jovens.](#)> Acesso em: 01 dez. 2022.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BARROSO, E. P. **Reflexões sobre a velhice: Identidades possíveis no processo de envelhecimento na contemporaneidade**. História Oral, 24(1), 2021, p. 9–27. <<https://doi.org/10.51880/ho.v24i1.1128>>

BENJAMIN, W. O Narrador. In: **Magia e Técnica, Arte e Política - ensaios sobre literatura e história da cultura**. Obras escolhidas, volume I, 3ª edição, São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.

BOFF, L. **A Vida Religiosa em ritmo de terceiro milênio**. Vozes, Rio de Janeiro, 2002.

BOSI, E. **Memória e sociedade: lembrança de velhos**. 3ª edição, São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2015.

BREAKWELL, G. M., et al. **Métodos de pesquisa em psicologia, tradução: Felipe Elizalde; revisão técnica: Vitor Geraldi Hasse** – Porto Alegre : Artmed, p.39, 2011

CAMPOS, M. M. et al. **A contribuição da educação infantil de qualidade e seus impactos no início do ensino fundamental**. Educação e Pesquisa [online]. 2011, v. 37, n. 1 [Acessado 7 Dezembro 2022], pp. 15-33. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1517-97022011000100002>>. Epub 23 Maio 2011. ISSN 1678-4634. <https://doi.org/10.1590/S1517-97022011000100002>.

CARTER, B. ; Mc GOLDRICK, M. **As mudanças no ciclo de vida familiar: uma estrutura para terapia de família**. In: Mc GOLDRICK, Monica; CARTER, B. (orgs). As mudanças no ciclo de vida familiar. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

CERVENY, C. M. de O., & BERTHOUD, C. M. E. **Família e ciclo vital**. Nossa realidade em pesquisa. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002.

CODINA, V.; ZEVALLOS N. **Vida religiosa: história e Teologia**. Série IV: A Igreja, Sacramento de Libertação. 2a edição. Vozes, Petrópolis, 1990.

CONSTITUIÇÃO PASTORAL GAUDIUM ET SPES. **Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II**. São Paulo: Paulus, 1997.

CRESWELL, J. W. **Projetos de pesquisa: Métodos qualitativo, quantitativo e misto**. (3a ed.). Porto Alegre: Artmed, 2010.

DARDENGO, C. F. R.; MAFRA, S. C. T. **Os conceitos de velhice e envelhecimento ao longo do tempo: contradição ou adaptação?**. Revista de Ciências Humanas, [S. l.], v. 18, n. 2, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufv.br/RCH/article/view/8923>. Acesso em: 3 jul. 2022.

DELGADO, L. de A. N. **História oral e narrativa: tempo, memória e identidades**. História Oral, [S. l.], v. 6, 2009. DOI: 10.51880/ho.v6i0.62. Disponível em: <https://revista.historiaoral.org.br/index.php/rho/article/view/62>. Acesso em: 4 set. 2022.

FRANKL, V. E. **Em busca de sentido: um psicólogo no campo de concentração**. 18a. ed. Petrópolis, RJ: Vozes. 2003.

GROSSI, M. P. **Jeito de freira: estudo antropológico sobre a vocação religiosa feminina**. Cadernos de Pesquisa, São Paulo, n. 73, p. 48–58, 2013. Disponível em: <https://publicacoes.fcc.org.br/cp/article/view/1096>. Acesso em: 03 dez. 2022.

ILUNDAIN, A. I. **Nuestra historia. Misioneras Hijas del Calvario**. Rocca di Papa, Roma, 2018

LARRAINZAR, E. **Diretório Espiritual**. Havana: 1921.

LIMA, P. V. **Envelhecer com dependência funcional: memória de idosos longevos**. 116 f. Dissertação (Mestrado em Memória: Linguagem e sociedade) – Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade pela UESB, Vitória da Conquista: Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, 2016.

LOPES, M. **Jesus histórico: rosto humano de Deus**. Revista Convergência, dezembro de 2012. n. 457.

MARINHO, M. S. **Narrativas sobre o envelhecer: Memórias e identidades de idosos longevos**. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade. Vitória da Conquista: 2016. Disponível em: <http://www2.uesb.br/ppg/ppgmls/wp-content/uploads/2017/06/Dissert-Maykon-dos-Santos.pdf>

DÍAZ, O. W. **Los derechos de los miembros de la fuerza pública : víctimas del conflicto armado interno en Colombia**, 2021. Disponível em: <https://repositorio.flacsoandes.edu.ec/handle/10469/16815#:~:text=enlazar%20este%20%C3%ADtem%3A-.http%3A//hdl.handle.net/10469/16815.-Tipo%20de%20Material> Acesso em: 30 de nov. de 2022.

DONEDA, D. C, **Mulheres, religião e poder: ensaios feministas**. Disponível em: <https://doi.org/10.15603/2176-0985/mandragora.v24n2p85-91>. Acesso em: 11 de dezembro de 2022.

FRAGA, P. C.; GONZALEZ, G. M. **Conflito armado na Colômbia e suas consequências para crianças e jovens**. *Desidades*, Rio de Janeiro , v. 8, p. 30-39, set. 2015 . Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2318-92822015000300004&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2318-92822015000300004&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em 01 dez. 2022.

MENDES, K. T.; COSTA, PEDRO H. A. **Psicologia e pobreza no Brasil: Histórico, produção de conhecimento e problematizações possíveis**. *Estud. pesqui. psicol.*, Rio de Janeiro , v. 18, n. spe, p. 1118-1136, dez. 2018 . Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1808-42812018000400006&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812018000400006&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 13 dez. 2022.

MORAIS, M. F. **Envelhecimento saudável é uma arte**. In: SUSIN, L.C. *Vida Religiosa consagrada em processo de transformação*. São Paulo: Paulinas, 2015, p. 201- 225.

NASCIMENTO, K. C. do et al. **A arte de partejar: experiência de cuidado das parteiras tradicionais de Envira/AM**. *Escola Anna Nery* [online]. 2009, v. 13, n. 2 [Acessado 8 Dezembro 2022], pp. 319-327. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1414-81452009000200012>>. Epub 11 Jun 2010. ISSN 2177-9465. <https://doi.org/10.1590/S1414-81452009000200012>.

NEFF, K.; GERMER, C. **Manual de mindfulness e autocompaixão: um guia para construir forças internas e prosperar na arte de ser seu melhor amigo**. Porto Alegre: Artmed, 2019.

NERY, V. A. S. **Memórias coletivas de familiares cuidadores de idosos com dependência funcional**. 134f. Tese (Doutorado em Memória: Linguagem e Sociedade) – Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e sociedade pela UESB, Vitória da Conquista: Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, 2017

PAPALIA, D. E.; FELDMAN, R. D. (Colab.). **Desenvolvimento Humano**. 12ª ed. Porto Alegre: AMGH Editora, 2013.

PEREIRA, L.B. **Irmãs Missionárias Filhas do Calvário: 40 anos de presença missionária no Brasil 1974-2014**. Recanto das Letras, São Paulo, 2019.

PERETTI, C. Q. **Mulher e ministérios na Igreja Católica à luz do pensamento do Papa Francisco**. *Revista de Cultura Teológica*. Ano XXIX - Nº 98. Jan - Abr 2021 Disponível em: <https://doi.org/10.23925/rct.i98.52565>

PINHEIRO, L. ; REZENDE, M. **Pobreza e mulheres nos 20 anos após Beijing**. [s.l.: s.n., s.d.]. Disponível em: [https://www.ipea.gov.br/retrato/pdf/190327\\_tema\\_a\\_pobreza\\_e\\_mulheres\\_nos\\_20\\_anos\\_apos\\_beijing.pdf](https://www.ipea.gov.br/retrato/pdf/190327_tema_a_pobreza_e_mulheres_nos_20_anos_apos_beijing.pdf)> Acesso em: 17 dez. 2022.

REVISTA GALILEU. 258 milhões de crianças não têm acesso à educação, alerta Unesco, 2020. Disponível em: <https://revistagalileu.globo.com/Sociedade/noticia/2020/06/258-milhoes-de-criancas-nao-tem-acesso-educacao-alerta-unesco.html>> Acesso em: 14 de dez. 2022

RIZZO, C.B.; CHAMON, E. M. **Sentido do trabalho para o adolescente trabalhador**. Acesso em: <https://www.scielo.br/j/tes/a/NqhJ8QsN8zBfszznRz9tSFK/?lang=pt> , 2010

ROY, A. **O Beijo de Deus. Provocação à Vida Religiosa**. Publicações/CRB. 2010

SANTOS, M. N. **Viver na pobreza: experiências, afetos e sentidos**. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2018. 218 p Acesso em 14 de dezembro de 2022.

SERRA, M. **Vida de Sor Maria Ernestina de la Cruz, Fundadora de las Misioneras Hijas del Calvario**. Escuela Tipográfica de la Institución. INCLA. Habana, 1941.

SILVA, L C. C. **Atitude de idosos em relação à velhice e bem-estar psicológico**. *Revista Kairós-Gerontologia*, v. 15, n. 2, p. 119-140, 2012. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/download/13798/10187/33220>. Acesso em: 11 de novembro de 2022.

TINOCO, A. **As relações de cooperação entre Brasil e Colômbia frente ao desenvolvimento e transnacionalização do narcotráfico latinoamericano**. Brasília, 2010. Disponível em: <https://repositorio.uniceub.br/jspui/bitstream/123456789/3421/3/20681913.pdf>.

Unesco alerta que 244 milhões de crianças estão fora da escola no mundo. **Correio Braziliense** (Mundo). Disponível em:

<<https://www.correiobraziliense.com.br/mundo/2022/09/5033772-unesco-alerta-que-244-milhoes-de-criancas-estao-fora-da-escola-no-mundo.html>>. Acesso em: 01 dez. 2022.

VALLE, E. **Memória Histórica. As lições de uma caminhada de 50 anos CRB- 1954 a 2004**, 2ª edição. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2004.

ZANATTA, C; CAMPOS, L. A.; COELHO, P. D. S. A pessoa idosa e a busca do sentido. Um olhar de esperança. **Rev. abordagem gestalt.**, Goiânia , v. 27, n. 1, p. 104-113, abr. 2021 . Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext & pid=S1809-68672021000100011 & lng= pt\ nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672021000100011&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 08 dez. 2022. <http://dx.doi.org/10.18065/2021v27n1.10>.